38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02–25 de Julho de 2021

Imagem: **Thomas Langley**

Índice

04 **A Bonança e a Alegria do Palco** | Por Inês de Medeiros

05 **Nos cinquenta anos da Companhia** | Por Rodrigo Francisco

07 Exposição dos 50 anos da Companhia de Teatro de Almada
Uma árvore com espectadores à volta

ESPECTÁCULOS

11 **Hipólito**
13 **Amitié**
15 **History of violence**
17 **Aurora negra**
19 **Duas personagens**
21 **Who killed my father**
23 **Tierras del Sud**
25 **Omma**
27 **Corpo suspenso**
29 **Planeta dança – Capítulo 4**
31 **Maria Callas – Cartas e memórias**
33 **Um gajo nunca mais é a mesma coisa**

PLANILHA

37 **Rebota rebota y en tu cara explota**
39 **A Lua vem da Ásia**
41 **Fake**
43 **O canto do cisne**
45 **Discurso sobre o filho-da-puta**
47 **Molly Bloom**
49 **Miguel de Molina al desnudo**
51 **Viagem a Portugal**
53 **Lorenzaccio**

ACTOS COMPLEMENTARES

56 Encontros da Cerca
1971-2021: Nos 50 anos da Companhia de Teatro de Almada

57 **Colóquios na Esplanada**

58 Curso de formação
***O sentido dos mestres* com Josef Nadj**

59 Lançamento do 7.º vol. da colecção *O sentido dos Mestres*
***A dança como arma* de Madalena Victorino**

60 Exposição de artes plásticas
***Ghia Coupé* de Thomas Langley**

INFORMAÇÕES

62 **Horários, contactos e acessos**
64 **Assinaturas e bilhetes avulsos**
65 **Equipa do 38.º Festival de Almada**

A Bonança e a Alegria do Palco

Durante o mês de Julho, Almada volta a ser a capital nacional do teatro. Nesta 38.º edição do maior evento teatral de Portugal celebramos também o cinquentenário da Companhia de Teatro de Almada (CTA), honrando o legado de Joaquim Benite, fundador da CTA e do próprio Festival.

É, novamente, uma edição com contornos diferentes, pelo que nos continua a ser exigido o cumprimento das regras e das recomendações para garantir a segurança de todos e para provar que a cultura é segura. Mas as produções internacionais voltam a ter maior presença, cumprindo um dos grandes objectivos do Festival, que é a abertura ao Mundo, ser espaço de dialogo e descoberta, estimular a curiosidade e promover a solidariedade.

São 21 espectáculos. Uma oferta variada oriunda de 2 continentes e 7 países que se espalha por emblemáticas salas de espectáculo, como o Teatro Municipal Joaquim Benite, o Fórum Romeu Correia, o Teatro-Estúdio António Assunção, a Academia Almadense, a Incrível Almadense, o Grande Auditório do Centro Cultural de Belém e ainda o Teatro Nacional D. Maria II.

A Lua vem da Ásia, de Campos de Carvalho (Brasil), *Who killed my father*, de Édouard Louis (Holanda) ou ainda *Lettres et mémoires de Maria Callas*, de Tom Volf, com Monica Bellucci, são alguns dos espectáculos estrangeiros que recebemos, projectando Almada na esfera internacional do teatro. Também somos brindados pela arte do melhor do teatro nacional com as estreias de *Hipólito*, de Eurípides, com encenação de Rogério de Carvalho, pela Companhia de Teatro de Almada; *Duas personagens*, de Tennessee Williams, com encenação de Carla Galvão e Sara de Castro, produção do Dentro do Covil; e *Um gajo nunca mais é a mesma coisa*, com texto e encenação de Rodrigo Francisco, numa co-produção entre a Companhia de Teatro do Algarve e a Companhia de Teatro de Almada.

Nunca é demais lembrar o quanto a arte e a cultura são essenciais para a aprendizagem e a vivência da liberdade. Nunca é demais lembrar que o acesso à cultura é um direito fundamental devidamente reconhecido na nossa Constituição. Mas há momentos, como aquele que vivemos, em que é particularmente importante reafirmar que o combate por uma sociedade mais justa, mais atenta, mais educada, mais criativa e mais fraterna passa pela cultura – que não é um adorno mas algo vivo e estimulante, e uma pacífica mas poderosa arma.

Inês de Medeiros
Presidente da Câmara Municipal de Almada

Nos cinquenta anos da Companhia

Quis o destino que no início do ano em que comemoramos o nosso cinquentenário tivéssemos de fechar o teatro ao público durante mais de três meses. Durante esse período, reprogramámos espectáculos, alterámos horários, emendámos, adaptámos, reconstruímos, reensaiámos — procurámos sobretudo proteger esse laço tão delicado e precioso para nós que é a relação com o público. Agora, chegado o Festival, é a hora de celebrarmos os cinquenta anos da Companhia de Teatro de Almada.

Estreamos duas criações (abrindo o Festival com uma encenação de Rogério de Carvalho, que há 35 anos nos acompanha), inauguramos uma exposição comemorativa (pela perspectiva de José Manuel Castanheira), e organizamos os Encontros da Cerca, onde olharemos para o passado com os olhos do futuro. Desafiámos quatro amigos para se debruçarem sobre o nosso percurso e conversarem com criadores, intérpretes, espectadores e dirigentes que acompanharam Joaquim Benite na fundação, desenvolvimento e consolidação deste projecto teatral.

Em 2021 o Festival de Almada recupera a sua dimensão internacional, embora ainda sem o Palco Grande e a Esplanada da Escola D. António da Costa. Os espectáculos que vos propomos reverberam os anseios de um conjunto de autores num arco temporal de quase dois milénios e meio. Nos textos clássicos, o orgulho, a culpa, a honra, a corrupção, a condição humana. Nos contemporâneos, a violência, o feminismo, a herança colonial, a globalização. E o amor, sempre, em quase todos eles. E a amizade, também. E a morte. O Homem tem mudado muito, é verdade. Mas não mudou assim tanto. Bem-vindos ao teatro.

Rodrigo Francisco
Director Artístico do Festival de Almada

© JOSÉ MANUEL CASTANHEIRA

Uma árvore com espectadores à volta

Se, em anos anteriores, celebrámos actores, autores, espectáculos e demais criativos, nesta edição vamos festejar uma data singular: os cinquenta anos da Companhia de Teatro de Almada.

No pátio do Teatro Azul está uma árvore que o Joaquim Benite quis plantar, simbolicamente, no meio da construção. Numa galeria em redor, os espectadores circulam formando uma geografia que serve de metáfora. Apesar da distância, que devemos manter, se algo podemos abraçar sem restrições é uma árvore, e com ela celebrar uma marca inigualável do teatro em Almada: o seu público. *Uma árvore com espectadores à volta* é um percurso que nasce também de uns gráficos rabiscados à pressa, que só a memória da Teresa Gafeira, como fundadora, poderia sugerir. Riscos imprecisos que definiram uma vereda para a floresta das estatísticas. Três árvores (partes) tem esta exposição, numa cenografia que balança entre o artesanal e o erudito, condição cada dia mais urgente pela sobrevivência da arte do teatro.

1 – O Público: a homenagem ao espectador, a outra metade do fenómeno teatral, que em Almada é um exemplo de vitalidade e amor pela arte do teatro;

2 – Um mapa de raízes que nos leva às mais de trezentas cidades, vilas e aldeias por onde a Companhia levou o teatro;

3 – Uma frondosa árvore composta pela universalidade e pluralidade dos criadores e companhias que, ao longo dos já 38 anos do Festival de Almada, de algum modo, contaminaram o imaginário do teatro português.

As estatísticas invadem e manipulam as nossas vidas. Na aparente frieza dos diagramas pode esconder-se uma qualquer poética, tal como na complexidade visual e gráfica do brilhante Manuel Lima. No Mundo em transformação, quando tudo está ligado a tudo o que existe, muda-se árvore para rede na forma de classificar e organizar tudo.

Árvores, desenhos, pessoas baloiçam agora numa teia de cordas elásticas, estão impregnadas de memórias e emoções e desenham incríveis teias que se transformam em árvores, precisamente como aquela que está no pátio do Teatro Azul.

Talvez, no futuro, para celebrar outro tempo, alguém lhe faça um discurso, como Gaev faz ao velho armário no *Cerejal* de Tchekhov, saudando a força e a sobrevivência do TEATRO.

José Manuel Castanheira

José Manuel Castanheira, doutorado em Cenografia e Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, onde é professor desde 1982, tem uma actividade multifacetada, sobretudo em cenografia do espectáculo, cenografia de exposições para museologia, arquitectura teatral e pintura. Realizou mais de 300 cenografias em 15 países, onde também dirigiu acções de formação, estágios e seminários. Desde 2017 integra os júris de doutoramento em Estudos Teatrais da Universidade Sorbonne Nouvelle (Paris). É membro da Real Academia de Belas-Artes de Espanha e da Academia de Artes Cénicas de Espanha, e coordenador Europeu do projecto TELA – Teatros da América Latina. O ano passado recebeu o prémio SPA para a melhor cenografia do ano com *Reinar Depois de Morrer*, uma co-produção CTA e Companhia Nacional de Teatro Clássico (Espanha). É autor e co-autor de vários livros. O início da sua fecunda colaboração com a Companhia de Teatro de Almada remonta a 1985, data em que a CTA começou o processo de criação de *Menina Júlia*, de Strindberg, com encenação de Rogério de Carvalho, e que estrearia em 1986. A sua obra cenográfica é toda ela marcada por um olhar poético e sensível sobre todas as coisas humanamente observáveis.

ALMADA

***Foyer* do Teatro Municipal Joaquim Benite** **De 2 a 25 de Julho**

espectáculos

© HIPPOLYTUS, DE LAWRENCE ALMA-TADEMA

Companhia de Teatro de Almada (Almada)

ESTREIA

Hipólito

De **Eurípides**
Encenação de **Rogério de Carvalho**

Tradução
Fernando Zorrer

Cenografia
José Manuel Castanheira

Figurinos
Mariana Sá Nogueira

Luz
Guilherme Frazão

Voz e elocução
Luís Madureira

Assistência de encenação
Carolina Dominguez

Intérpretes
Anabela Ribeiro
Carolina Dominguez
Cláudio da Silva
Elsa Valentim
Joana Francampos
Marques D'Arede
Miguel Eloy
Pedro Fiuza
Sofia Correia
Teresa Gafeira

—

Língua
Português

Duração
90 min. (aprox.)

Classificação
M/12

O mal-amado Hipólito, bastardo fruto de uma ligação entre Teseu e uma amazona, acaba por ter por madastra Fedra, que se apaixona pelo enteado, em resultado de um mau-olhado de Afrodite. Perante tamanhos traumas relacionados com as mulheres, Hipólito desenvolve uma misoginia torpe, negando-se com virtuoso orgulho à experiência carnal. «Eurípides tratou este tema por duas vezes. Uma primeira peça fez escândalo. Fedra abandonava-se à sua paixão e declarava-a de viva voz ao enteado, que, horrorizado, cobria o rosto com um véu. Tais audácias são atenuadas na peça que se segue e que, em Abril de 428 a.C., poucos meses após a morte de Péricles, obtém o primeiro prémio [nas Dionísias].» (Marie Delcourt-Curvers)

Eurípides nasceu por volta de 480 a.C. na ilha de Salamina. Um renovador, levou a condição humana e os problemas sociais para o teatro. Das muitas dezenas de peças que lhe são atribuídas chegaram até nós menos de vinte, oito das quais datadas com precisão, entre as quais *Hipólito*, um texto que celebra a perene modernidade da tragédia clássica e a imutabilidade das paixões humanas.

No ano em que cumpre 50 anos, a Companhia de Teatro de Almada volta a convidar **Rogério de Carvalho** para encenar a mitologia grega, num diálogo com *Fedra* de Racine, que o encenador dirigiu em 2006 e que contou igualmente com a participação da actriz **Teresa Gafeira**, do actor **Marques D'Arede**, do cenógrafo **José Manuel Castanheira** e da figurinista **Mariana Sá Nogueira**.

EN Of the many plays attributed to Euripides, less than twenty have survived, including *Hippolytus*, a text that celebrates the perennial modernity of classical tragedy and the unchanged human passions. For the celebration of its 50th anniversary, the Companhia de Teatro de Almada has invited Rogério de Carvalho to stage Greek mythology again, establishing a dialogue with Racine's *Phaedra*, which he directed in 2006.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 2	SÁB 3	DOM 4
20:30	20:30	16:00

© CHRISTOPHE RAYNAUD DE LAGE/FESTIVAL D'AVIGNON

Festival d'Avignon (França)
Co-produção: Châteauvallon Scène nationale, Centre dramatique national Besançon Franche-Comté, Centre dramatique national de Tours Théâtre Olympia, EPIC Hérault Culture – Théâtre sortieOuest, CCAS les Activités sociales de l'énergie, Espace des arts Scène nationale Chalon-sur-Saône e Résidence Lilas en Scène

Amitié

Amizade

De **Eduardo De Filippo** e **Pier Paolo Pasolini**
Encenação de **Irène Bonnaud**

Tradução
Davide Luglio
Hervé Joubert-Laurencin (Pier Paolo Pasolini)
Emanuela Pace (Eduardo De Filippo)

Figurinos
Nathalie Prats

Desenho de luz e operação régie
Daniel Lévy

Interpretação
François Chattot
Jacques Mazeran
Martine Schambacher

Assistência de encenação
Katell Borvon

—

Língua
Francês
legendado em português

Duração
90 min.

Classificação
M/12

Estreado no Festival d'Avignon de 2019, o espectáculo assenta numa narrativa oral, ao modo dos contadores de histórias. «Um estábulo onde não há nada, nem Jesus, nem Maria, nem José, nem burro nem boi – apenas a luz inútil da estrela», como escreveu **Pier Paolo Pasolini** (1922-1975), para quem a simplicidade era a maior virtude da arte, por contraste com a estética «do grande espectáculo porno-teológico» da era contemporânea, o da tevê e das super-produções de Hollywood. Servindo uma ideia de teatro em que também **Eduardo De Filippo** (1900-1984) se revia, evocam-se aqui as trupes ambulantes que percorriam Itália de lés a lés. Desconhecida do grande público, a amizade que unia Pasolini e De Filippo era profunda. Esta história celebra-a.
Destinado a um *road movie* que não se concretizou em razão do assassinato de Pasolini, o texto foi trabalhado sem perder de vista a dinâmica de uma narrativa de estrada, uma viagem durante a qual o herói pasoliniano se cruza com os protagonistas da obra de Filippo. Viagem por épocas e estilos, realizada por três actores formados na grande tradição do teatro artesanal: **François Chattot** e **Martine Schambacher**, já conhecidos do público do Festival de Almada, a que se junta agora **Jacques Mazeran**. Um espectáculo enxuto e cheio de vitalidade, dirigido pela encenadora **Irène Bonnaud**, conhecida e reconhecida pelas suas abordagens fortemente políticas ao teatro.

EN Premiered at the 2019 Avignon Festival, this show is based on an oral narrative, in the storytelling style, evoking the travelling minstrels. Unknown to the general public, the friendship that united Pier Paolo Pasolini and Eduardo De Filippo was deep. This story celebrates it, in a journey through different eras, performed by actors trained in the great tradition of European artisanal theater skills and directed by a theater maker known for her political approaches to this art.

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

SEX 2	SÁB 3	DOM 4	TER 6	QUA 7
20:30	20:30	15:00 e 20:30	20:30	20:30

© ZGODOVINA NASILJA

Mini Teater (Eslovénia)
Co-produção: Mestno Gledališče Ptuj

History of violence

História da violência

De **Édouard Louis** | Encenação de **Ivica Buljan**

Tradução
Miha Medved

Apoio à dramaturgia
Alen Prošić

Interpretação
Petja Labović
Benjamin Krnetić
Saša Pavlin Stošić
Robert Waltl
Boris Vlastelica

Figurinos
Ana Savić Gecan

Música original
Boris Vlastelica

Vídeo e desenho de luz
Toni Soprano Meneglejte e sonda57

Texto português
Luísa Benvinda Alves

Agradecimento
Editora 20|20
Chancela Elsinore

—

Língua
Esloveno
legendado em português

Duração
75 min.

Classificação
M/16

Na véspera de Natal, na Place de la République, em Paris, Édouard conhece Reda, um descendente de argelinos. Conversam, começam a *flirtar* e Édouard convida Reda para subir ao seu apartamento, onde passam a noite juntos. Reda fala sobre a sua infância, sobre a vida duríssima do pai, e quando está prestes a ir-se embora, Édouard descobre que o seu *smartphone* desapareceu. Reda puxa então de uma pistola, ameaça Édouard, e a agressividade leva à extrema violência e até mesmo à violação. O que se segue demonstrará o poder esmagador do preconceito contra a homossexualidade e os imigrantes, e a que ponto a violência está afinal desse lado, do daqueles que não aceitam o desvio à norma – seja o da identidade cultural ou sexual.

A narrativa (*Histoire de la violence*, 2016) reconstrói com liberdade literária uma noite similarmente traumática experienciada pelo escritor **Édouard Louis**, num retrato impiedoso das actuais sociedades. Um texto corajoso, por um dos mais jovens e promissores autores franceses dos nossos dias, cujas obras foram já traduzidas e encenadas em vários países.

O **Mini Teater**, fundado em 1999, tem deixado na Eslovénia a sua marca distintiva, oposta aos movimentos formalistas de ruptura vanguardista, assente no teatro de arte europeu e no vanguardismo norte-americano do século XX. O encenador **Ivica Buljan**, que para a Companhia de Teatro de Almada dirigiu *Cais Oeste* de Koltès, tem trabalhado grandes textos dessas dramaturgias, entre as quais peças de H. Muller, R. Walser ou ainda E. Jelinek. Trata-se de uma figura cimeira do teatro no seu país.

EN On Christmas Eve, in Paris, young Édouard meets Reda, a young man of Algerian descent. They start flirting and Édouard invites Reda to his apartment. A few hours later, Édouard finds out his smartphone is missing. Reda suddenly pulls out his gun and things quickly lead to violence. In his autobiographical novel *History of Violence*, French writer Édouard Louis reconstructs that traumatic night and creates a text that is a thorough social analysis of our times.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

SEX 2	SÁB 3	DOM 4	SEG 5
20:30	15:00 e 20:30	20:30	20:30

© FELIPE DREHMER

Cama A.C (Lisboa)
Co-produção: TNDM II, Centro Cultural Vila Flor, O Espaço do Tempo e Teatro Viriato

Aurora negra

Criação e direcção artística de **Cleo Diára**, **Isabél Zuaa** e **Nádia Yracema**

Interpretação
Cleo Diára
Isabél Zuaa
Nádia Yracema

Cenografia
Tony Cassanelli

Figurinos
José Capela

Dir. técnica, desenho de luz e mapeamento de vídeo
Felipe Drehmer

Composição original e sonoplastia
Carolina Varela
Yaw Tembe

Adereços e styling
Eloisa D'Ascensão
Jorge Carvalhal

Apoio à dramaturgia
Sara Graça
Teresa Coutinho

Apoio ao movimento
Bruno Huca

Apoio à pesquisa
Melánie Petremont

Apoio à criação
Bruno Huca
Inês Vaz

Direcção de produção
Maria Tsukamoto

Assistência de produção
Filipa Garcez

—

Língua
Português

Duração
90 min.

Classificação
M/12

«O canto começa na voz de uma mulher que fala. Fala crioulo. Fala tchokwe. Fala português. Em cena três corpos, três mulheres na condição de estrangeiras onde são faladas essas três línguas. Em cada mulher uma essência, personalidade e trajetória que se cruzam, com a certeza de que nada voltará a ser igual. Nesta *Aurora Negra* buscamos as raízes mais profundas e originais dessas culturas, celebrando o seu legado e projectando um caminho onde nos afirmamos como protagonistas das nossas histórias.» (**Cleo Diára**, **Isabél Zuaa** e **Nádia Yracema**)

«*Aurora Negra* conta, na primeira pessoa do plural, as memórias de mulheres negras no Portugal pós-colonial e por descolonizar. Três actrizes desfolham um arquivo com nomes de vivos e mortos, com línguas e lugares múltiplos, músicas do despontar da nossa juventude, numa celebração da jornada e subjectividade colectiva de uma geração afro-portuguesa contemporânea. O humor é omnipresente, em jeito de sátira, prenhe de ironia e, sobretudo, da alegria de se estar e ser na sua própria pele. "Meu corpo eu te autorizo a ocupar qualquer lugar". O que *Aurora Negra* faz e é em si um *statement*, uma busca pelo rompimento das malhas da invisibilidade e do estereótipo racial nas artes performativas. O espectáculo venceu a segunda edição da Bolsa Amélia Rey Colaço. Há um porvir que amanhece, um Portugal negro que toma a boca de cena.» (Cristina Roldão)

EN «The song starts with the voice of a woman who speaks. She speaks creole. She speaks Tshokwe. She speaks Portuguese. On stage, three bodies, three women portrayed as foreigners, speaking these three languages. In each woman, an essence, a personality, and a journey intertwined, with the certainty that nothing will be the same again. In this Black Dawn we look for the origins and the deepest roots of these cultures, by celebrating their legacy and defining a path where we assert ourselves as protagonists of our own stories.»

ALMADA
Cine-Teatro da Academia Almadense
Auditório Osvaldo Azinheira

SEX 2	SÁB 3	DOM 4	SEG 5
20:30	15:00 e 20:30	20:30	20:30

© ERIC DA COSTA

ESTREIA

Duas personagens

De **Tennesse Williams**
Encenação de **Carla Galvão** e **Sara de Castro**

Criação, direcção artística e interpretação
Carla Galvão
Sara de Castro

Tradução
Diana V. Almeida

Consultoria dramatúrgica
Ana Pais
Ana Tamen

Acompanhamento artístico
Rui M. Silva
Luna Rebelo

Concepção plástica
Eric da Costa

Luz
Teresa Antunes

Som
Sérgio Milhano
Duarte Moreira

Produção executiva
Raquel Sousa

—

Língua
Português

Duração
90 min. (aprox.)

Classificação
M/14

«Duas irmãs são abandonadas pela companhia de teatro da qual são proprietárias. Ficam sem suporte, sem rede, sem comunidade, sem estrutura. Ainda assim, *the show must go on.*

A primeira versão de *The two character play*, uma das obras tardias de **Tennessee Williams** (1911-1983), surge no contexto da luta pelos direitos civis nos EUA, no tempo em que alguns ídolos, tal como agora, eram retirados dos pedestais, em que se destruíam estátuas, e as minorias oprimidas exigiam igualdade. Na nossa versão, duas actrizes têm de fazer um espectáculo sozinhas. Criam, fazem a dramaturgia, decidem as luzes, a música, o cenário, os figurinos. Não se trata de fazer uma apologia da centralidade da função do actor em detrimento de todas as outras. Pelo contrário, é uma experiência de sobrevivência, revelando que o colectivo continua a ser a base fundamental do teatro – tal como a comunidade é a base da sociedade.

O texto contém também uma profunda reflexão sobre o próprio teatro, sobre os actores, os dramaturgos, sobre as estruturas que sustentam o teatro. A visão de Williams é bastante pessimista, não colocando o ónus do desencontro entre o teatro e o público apenas no público, mas sobretudo no teatro, no seu carácter hermético, na sua incapacidade para comunicar com o presente.

Depois de termos sobrevivido a uma crise pandémica com as salas de espectáculos fechadas durante meses, voltamos para fazer teatro. Mas que teatro? O teatro serve para quê?» (Carla Galvão e Sara de Castro)

EN On a new reading of *The two character* play, written by Tennessee Williams during the struggle for human and civil rights in the USA, two actresses have to play a show by themselves, without artistic or technical crew. The play ponders a deep reflection about the mismatch between theater art and the audience. After several months with our venues closed, we are back to theater again. But what kind of theater? What is theater for?

ALMADA
Teatro-Estúdio António Assunção

QUA 7	QUI 8	SEX 9	SÁB 10
20:30	20:30	20:30	15:00 e 20:30

DOM 11	SEG 12	TER 13	QUA 14
15:00 e 20:30	20:30	20:30	20:30

© JAN VERSWEYVELD

Internationaal Theater Amsterdam (Holanda)
Co-produção: deSingel Antwerp | Co-apresentação: TNDMII/Festival de Almada

Who killed my father

Quem matou o meu pai

De **Édouard Louis** | Encenação de **Ivo van Hove**

Tradução e adaptação
Ivo van Hove

Interpretação
Hans Kesting

Cenografia e iluminação
Jan Versweyveld

Figurinos
An D'Huys

Música
George Dhauw

Produção
Inge Zeilinga
Edith den Hamer (hoofd)

Direcção técnica
Reyer Meeter

Texto português
Luísa Álvares

Agradecimento
Editora 20|20
Chancela Elsinore

—

Língua
Holandês
legendado em português

Duração
85 min.

Classificação
M/12

O encenador belga **Ivo van Hove** realiza neste espectáculo uma adaptação para a cena do livro homónimo de 2018 assinado pelo ainda muito jovem autor-sensação francês **Édouard Louis** – um escritor assombrado pela injustiça social e que tem marcado com desarmante coragem a emergência de uma muito aguardada e necessária geração de autores europeus interessados em escrever sobre os deserdados das democracias pós-coloniais. Um fosso que não apenas se perpetua como se alarga: entre os que têm uma espécie de direito natural a viver e os que nascem para sofrer. "Escrevi isto para o desgraçar", disse Louis a Emmanuel Macron no Twitter.

Trata-se de um monólogo pensado expressamente para o experiente actor **Hans Kesting**, que o protagoniza. Louis inspirou-se na vida do seu pai, quando, depois uma visita que lhe fez, o encontrou chocantemente irreconhecível. E não se esquece de nos confrontar com a violenta homofobia da sua própria família de operários, que desde sempre o ostracizou por causa da sua homossexualidade.

Precocemente destruído pela sua vida como operário na indústria pesada, o pai de quem aqui se fala é uma vítima da abjecta exploração que as elites políticas continuam a fazer dos socialmente mais fracos, sem apelo obrigados ao trabalho bruto que os mata antes de tempo, com a ajuda determinante do álcool, único escape em vidas marcadas pela violência. «Um retrato implacável e comovente» (*De Volkskrant*)

EN Director Ivo van Hove adapts *Who Killed My Father*, by French literary sensation Édouard Louis, for the stage. Van Hove turns the very outspoken book into a monologue especially for Hans Kesting. A gripping story about a father who is reduced to a physical and mental wreck at the age of fifty after years of hard work in heavy industry in the north of France.

LISBOA
Teatro Nacional D. Maria II
Sala Garrett

QUI 8	SEX 9	SÁB 10
20:00	20:00	19:00

© ALESSIA BOMBACI

Antic Teatre, Festival TNT (França e Chile)
Co-produção: Azkona&Toloza

Tierras del Sud

Terras do Sul

De **Laida Azkona Goñi** e **Txalo Toloza-Fernández**

Dramaturgia, encenação e interpretação
Azkona Goñi
Txalo Toloza-Fernández

Vozes
Sergio Alessandria
Agustina Basso
Conrado Parodi
Gerardo Ghioldi
Daniel Osovnikar
Sebastián Seifert
Rosalía Zanón
Marcela Imazio

Assistência de encenação
Raquel Cors

Banda sonora original e desenho de som
Juan Cristóbal Saavedra

Desenho de luz
Ana Rovira

Técnico de luz em digressão
Conrado Parodi

Desenho audiovisual
MiPrimerDrop

Cenografia
Juliana Acevedo
MiPrimerDrop

Produção
Helena Febres

—

Língua
Português e castelhano legendado em português

Duração
90 min.

Classificação
M/12

«Apesar de menos de 5% da população viver na Patagónia, a região ocupa quase metade do território nacional e canaliza a maior parte das reservas de água potável e energia hidroeléctrica – e 80% do petróleo e gás natural da Argentina.» (*The New York Times*)

O que liga o industrial italiano Luciano Benetton à pequena comunidade mapuche dos Curiñanco-Nahuelquir? O que liga o presidente de Argentina Mauricio Macri a Sylvester Stallone? As respostas a estas perguntas poderão encontrá-las nas fronteiras meridionais da América, na região mais despovoada da Argentina, entre grandes lagos cristalinos e enormes picos nevados. Entre os Andes e o Atlântico. Em Puelmapu, o território ancestral do povo mapuche.

Teatro documental, sobre a barbárie que representam as novas formas de colonialismo, sobre o que significa o progresso e o que realmente fizeram os homens que inventaram um país europeu do outro lado do Atlântico, violentando os territórios e os seus habitantes. Em cena, poderão assistir à transformação de um palco de teatro num pedaço da actual Patagónia, numa revisitação da história do nascimento e expansão do Estado argentino e da sua relação com os grandes capitais estrangeiros.

Movendo-se entre Barcelona, Pamplona ou no Deserto de Atacama, **Azkona&Toloza** são uma dupla de artistas com experiência em novas dramaturgias e ligações a companhias e artistas sul-americanos.

EN What does link the Italian industrialist Luciano Benetton to the small Mapuche community of Curiñanco-Nahuelquir? What does link the Argentine president Mauricio Macri to Sylvester Stallone? This show of documentary theater is about capitalist barbarism and its unopposed appropriation of territories and ancestral human cultures. It approaches the birth and expansion of the Argentine state and its relationship with the great European and North American business ventures.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

QUI 8	SEX 9	SÁB 10	DOM 11
20:30	20:30	15:00 e 20:30	20:30

© SOPHIE CARLES

Atelier 3+1 (França)

Co-produção: Les Nuits de Fourvière, Festival International de la Métropole de Lyon, Les Théâtres de la Ville de Luxembourg, Le Trident, Scène Nationale de Cherbourg-en-Cotentin, Charleroi danse, centre chorégraphique de Wallonie – Bruxelles, Le Grand Angle – Scène régionale / Pays Voironnais, Centre chorégraphique national de Tours / Thomas Lebrun, MC 93 – Maison de la Culture de Seine-Saint-Denis, e Théâtre des Quatre Saisons – Scène Conventionnée d'intérêt national «Art et Création»

Omma

De **Josef Nadj**

Coreografia e figurinos
Josef Nadj

Interpretação
Djino Alolo Sabin
Timothé Ballo
Abdel Kader Diop
Aipeur Foundou
Bi Jean Ronsard Irié
Jean-Paul Mehansio
Romual Kabore
Boukson Séré

Colaboração artística
Ivan Fatjo

Luz
Rémi Nicolas

Música
Tatsu Aoki
& Malachi Favors Maghostut
Peter Brötzmann
& Han Bennink
Eureka Brass Band
Jigsaw
Lucas Niggli
Peter Vogel

Régie geral
Sylvain Blocquaux

Régie som
Shoï

Produção e comunicação
Bureau Platô:
Séverine Péan
Emilia Petrakis

—

Duração
55 min.

Classificação
M/14

Omma, em grego antigo, significa *olho*, *olhar*, *o que se vê* e até mesmo *espectáculo*. A nova criação de Josef Nadj remete, assim, para o essencial: olhar para o que se passa diante dos nossos olhos para melhor ver o fundo de nós próprios. Com esse objectivo em mente, o coreógrafo regressa à essência da dança, ao trabalho da simplicidade, concentrando-se no movimento, na voz, no fôlego, no ritmo e na musicalidade.

Oito homens, uma parcela da Humanidade, dançam juntos. Cada um transporta em si um universo, e o conjunto dos seus gestos constitui uma cosmogonia, perseguindo um desejo muito simples: o de recomeçar a viver, o de incessantemente viver, permanecendo despertos e plenamente presentes no Mundo. No confronto entre o seu imaginário e o dos oito bailarinos, todos originários do continente africano (do Congo, do Mali, do Senegal, da Costa do Marfim e do Burkina Faso), Nadj construiu pequenas narrativas, tantas quantos os elementos singulares que enformam uma matéria plural. Encontro com o outro, encontro com a nossa relação com a Natureza, com o infinito, com o tempo, com os vestígios do passado, com o destino. Uma história dançada sobre a génese da nossa humanidade.

Inovador e insolente, **Josef Nadj** impôs-se muito rapidamente na cena internacional da dança contemporânea, revisitando poetas, escritores, pintores e músicos, oscilando entre a realidade e o sonho, a tradição e a modernidade, e criando uma obra de grande poética e plasticidade.

EN *Eye*, *look*, *sight*, *what is seen* and even *spectacle*, «omma» in ancient Greek says it all. Josef Nadj's new performance delves into something essential: our ability to look at what happens under our eyes and see what lies deep within us. Eight men, all from African origins, dance together. Each one carries his own universe. Through bold contemporary dance, Josef Nadj has been able to create a body of work full of poetics and plasticity.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 9	SÁB 10	DOM 11
20:30	20:30	18:00

© RUI PIRES

Latoaria/Candonga Associação Cultural (Lisboa)

Apoio: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação GDA e República Portuguesa – Cultura/Direcção Geral das Artes

Corpo suspenso

De **Rita Neves**

Conceito e direcção
Rita Neves

Criação, texto e interpretação
Patrícia Couveiro
Rita Neves

Desenho de luz e sonoplastia
Gonçalo Alegria

Fotografia e vídeo
Mafalda Mendes

Apoio à dramaturgia
Rui Pires

Aconselhamento artístico
Vânia Rodrigues

Apoio ao movimento
Sofia Neuparth

Concepção plástica do espectáculo e apoio aos ensaios
Tiago Vieira

Apoio aos figurinos
Luís Godinho

Comunicação
Álvaro Machado

Produção
Xana Lagusi
Rui Pires

—

Língua
Português

Duração
80 min.

Classificação
M/16

«Há memórias que me acompanham desde a infância, mas nesse tempo eu não tinha um enquadramento para elas. Lembro-me do meu pai e de outros homens que se encontravam por causa de uma guerra que eu, em criança, desconhecia. Contavam episódios desconexos, alguns sussurrados.

Com a recordação destes episódios veio a ideia de que os corpos transportam memórias. O que ficou da Guerra Colonial no corpo do meu pai? Por que é que o seu corpo parece trazer, por vezes, memórias silenciadas? Através de uma narrativa revelando episódios da vida do meu pai que passou pela Guerra Colonial, investigo esta ideia de corpo como lugar de memórias.» (Rita Neves)

Rita Neves é actriz e criadora, formada no CENDREV e na Escola Superior de Teatro e Cinema. Colaborou com O Teatrão, Comédias do Minho, e Tiago Vieira e Margarida Bento, criadores do espaço Latoaria. Em 2019 integrou *A Sacalina*, de Tiago de Faria, a partir do universo biográfico de Tchekhov. *Corpo Suspenso* é o início da sua investigação sobre o corpo como arquivo, a sua segunda criação após *Brel como num Sonho*.

Patrícia Couveiro é criadora desde 2004 e realizadora desde 2012. Foi criativa publicitária. Artista residente do espaço Latoaria, criou *A Impermanência das Coisas*, *Templo Dourado* e integra a co-criação da performance anual *Circo de Natal*. Como realizadora destaca-se a série documental *O Coro* e a curta *A Praia da Amália*, exibidas pela RTP2.

EN «I remember being a child and seeing my father and other men revisit their experiences during the Portuguese Colonial War. With the recall of these episodes came the idea that our bodies carry memories. What's left of this war in my father's body? Is it possible for me to approach and feel his body as an archive? Why do I get the impression that it hides silenced memories?» (Rita Neves)

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

SEX 9	SÁB 10	DOM 11	SEG 12
20:30	15:00 e 20:30	15:00 e 20:30	20:30

© HUGO DAVID / CNB 2021

Companhia Nacional de Bailado (Lisboa)

ESTREIA

Planeta dança – Capítulo 4

De **Sónia Baptista**

Direcção, escrita e coreografia
Sónia Baptista

Co-criação e interpretação
Carla Pereira
Maria João Pinto
Mariana Paz
Marina Figueiredo
Mário Franco

Espaço cénico
Carlos Bártolo

Som
Steven Bird

Imagem e vídeo
Raquel Melgue

Figurinos
Isidro Paiva

Adereços
Elisabete Gonçalves

Ensaiador
Peggy Konik

Atelier
Isabel Galriça
Sílvia Santos

Direcção Artística da CNB
Sofia Campos

—

Duração
40 min. (aprox.)

Classificação
M/6

—

Este espectáculo é oferecido pelo Festival às crianças de Almada. As entradas podem ser levantadas (2 por pessoa) a partir de 9 de Julho na bilheteira do TMJB.

Eis o 4.º capítulo de um programa que revisita com grande originalidade não apenas a História da dança como a própria ideia de *dança*.

«Quando se nasce não se conhece o chão onde se dança, mas dança-se com o corpo, instrumento de criação do movimento, dança-se mesmo antes de saber andar, o corpo a querer crescer, voar. O que o corpo vê dançar fica na memória do corpo que dança, não são necessárias aulas de dança para o corpo dançar, é só deixar o corpo vibrar.

No século XIX a dança clássica conquista os palcos e evolui, cada vez mais complexa, criando bailados inspirados nas tradições, contos e costumes vindos do Mundo inteiro. Mais tarde, a dança moderniza-se e quebra as suas próprias convenções, iniciando um novo século a fervilhar de inovações.» (Sónia Baptista)

Sónia Baptista é formada em Dança Contemporânea. Em 2001, foi-lhe atribuído o Prémio Ribeiro da Fonte de Revelação na área da Dança pelo Ministério da Cultura por *Haikus*, (o seu primeiro trabalho). Obteve, com distinção, o grau de Master Researcher in Choreography and Performance pela Universidade de Roehampton (Londres). No seu trabalho explora e experimenta com as linguagens da dança, *performance*, música, literatura, teatro e vídeo. Tem vários livros publicados.

— —

EN This is the fourth chapter of a programme by choreographer Sónia Baptista that revisits with great originality not only the history of dance but also the very idea of dance itself. Dances were created that were inspired by traditions, tales and customs from all over the world. Later, dance broke its own conventions, starting a new century bursting with innovation.

ALMADA
Cine-Teatro da Academia Almadense
Auditório Osvaldo Azinheira

SÁB 10	DOM 11
11:30	11:30

© TOM VOLF

Les Visiteurs du Soir (França)
Co-apresentação: CCB/Festival de Almada
Apoio: Instituto Italiano de Cultura de Lisboa e Institut Français du Portugal

Maria Callas – Lettres et mémoires

Maria Callas – Cartas e memórias

De **Tom Volf**

Texto e encenação
Tom Volf

Interpretação
Monica Bellucci

Vídeo
Olivier Olry

Luz
Anne Roudiy

Caracterização
Letizia Carnevale

—

Língua
Francês
legendado em português

Duração
70 min.

Classificação
M/12

Nos finais de 2019, por altura do lançamento do livro *Maria Callas Lettres&Mémoires*, de Tom Volf, Monica Bellucci estreou-se nos palcos de teatro, realizando uma série de leituras de excertos dessa obra. Da infância modesta que Maria Callas (1923-1977) teve em Nova Iorque até aos anos da guerra em Atenas; do seu discreto debute na ópera até aos píncaros de uma carreira planetária marcada por escândalos e provações pessoais; do amor idealizado pelo marido até à paixão por Onassis, este espectáculo leva-nos a descobrir a história verdadeira por detrás da lenda. Levanta-se o véu que tanto cobre Maria – a mulher vulnerável, fendida entre a sua vida nos palcos e a sua vida privada – como Callas, a artista vítima da exigência para consigo própria e da batalha perpétua que travou com o canto. Apesar da solidão dos últimos anos vividos em Paris, continuou a trabalhar sem descanso até ao último suspiro, aos 53 anos de idade. Eis pois um auto-retrato fascinante e perturbador da maior voz do século XX.

Desde as suas primeiras aparições em filmes, no início dos anos de 1990, **Monica Bellucci** trabalhou com os mais internacionais de entre os cineastas. De Bond *girl* a Cleópatra ou Perséfone, a sua carreira tem-na revelado como uma actriz-musa de grande versatilidade. **Tom Volf**, reconhecido especialista na vida e obra da maior cantora lírica de todos os tempos, faz neste espectáculo a proeza de adaptar e encenar uma investigação de sete anos que revela uma Maria Callas desconhecida da maioria.

EN It was a real challenge to revisit Callas's life, using only her own words, exclusively, in a show which lasts just slightly more than an hour. Indeed, what we are talking about here is 30 years of a life filled with glory and pain, unfolding under our very eyes. Maria speaks directly to the audience, revealing herself as never before. Monica Bellucci's stunning first-time-ever stage performance, brings an unknown to most Maria Callas back to life.

LISBOA
Centro Cultural de Belém
Grande Auditório

SÁB 10	DOM 11
19:00	19:00

© DR

ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve (Faro)
e **Companhia de Teatro de Almada** (Almada)

ESTREIA

Um gajo nunca mais é a mesma coisa

Texto e encenação de **Rodrigo Francisco**

Cenografia
Céline Demars

Figurinos
Ana Paula Rocha

Luz
Guilherme Frazão

Música
Afonso de Portugal

Intérpretes
Afonso de Portugal
João Farraia
Luís Vicente
Pedro Walter
Lara Mesquita

—

Língua
Português

Duração
80 min. (aprox.)

Classificação
M/16

A guerra colonial portuguesa (1961-1974) tem vindo a constituir o tema de alguns espectáculos de teatro documental surgidos nos últimos anos. Vários criadores nascidos nas décadas de 70 e 80 têm-se confrontado com a participação de Portugal num conflito que, aos olhos de hoje, não pode deixar de parecer justo para os povos africanos que combatiam pela auto-determinação, e injusto para aqueles que lutavam pela manutenção de um império colonial anacrónico. Porém, quando se ouvem os testemunhos dos soldados que combateram, a realidade reveste-se de matizes que estão para além da dicotomia Bem/Mal com que frequentemente se encara esta guerra: poucas vezes se aborda o nosso passado recente tendo em conta o contexto geopolítico da época, assim como a realidade social do País.

Um gajo nunca mais é a mesma coisa dá voz aos rapazes que foram mandados para África para combater outros rapazes, e que agora entram na fase derradeira das suas vidas. Apesar de se basear em relatos reais, é ficção. E, sendo ficção, poderá mais livremente interpelar a História – e contribuir para a compreensão de um tempo difícil de imaginar para aqueles que já nasceram em liberdade.

Rodrigo Francisco, dramaturgo, encenador e director artístico da Companhia de Teatro de Almada e do Festival de Almada, fez a sua formação teatral com Joaquim Benite, de quem foi assistente de encenação.

EN Analysing it today, the Portuguese colonial war (1961-1974) looks fair to the African people fighting for self-determination, and unfair to those fighting to maintain an anachronistic colonial empire. This show gives voice to the Portuguese soldiers: boys who were sent to Africa to fight other boys. Although it is based on true accounts, it is fiction. Written and directed by the Festival de Almada artistic director.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Experimental

QUA 14	QUI 15	SEX 16	SÁB 17	DOM 18
20:30	20:30	20:30	18:00	18:00
QUA 21	**QUI 22**	**SEX 23**	**SÁB 24**	**DOM 25**
20:30	20:30	20:30	18:00	18:00

	LOCAL	ESPECTÁCULO	Pág.	02 SEX	03 SÁB	04 DOM	05 SEG	06 TER	07 QUA	08 QUI	09 SEX	10 SÁB	11 DOM	12 SEG	13 TER	14 QUA	15 QUI	16 SEX	17 SÁB	18 DOM	19 SEG	20 TER	21 QUA	22 QUI	23 SEX	24 SÁB	25 DOM
ALMADA	TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Principal	*Hipólito*	11	20:30	20:30	16:00																					
		Omma	25								20:30	20:30	18:00														
		O canto do cisne	43															20:30	20:30	16:00							
		Lorenzaccio	53																						19:00	19:00	19:00
	Sala Experimental	*Um gajo nunca mais é a mesma coisa*	33													20:30	20:30	20:30	18:00	18:00			20:30	20:30	20:30	18:00	18:00
	FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA Auditório Fernando Lopes-Graça	*History of violence*	15	20:30	15:00 20:30	20:30	20:30																				
		Tierras del Sud	23							20:30	20:30	15:00 20:30	20:30														
		Fake	41														20:30	20:30	15:00 20:30	20:30							
		Viagem a Portugal	51																					20:30	20:30	15:00 20:30	20:30
	INCRÍVEL ALMADENSE Salão de festas	*Amitié*	13	20:30	20:30	15:00 20:30		20:30	20:30																		
		Corpo suspenso	27								20:30	15:00 20:30	15:00 20:30	20:30													
		A Lua vem da Ásia	39													20:30	20:30	20:30	20:30	15:00 20:30							
		Molly Bloom	47																			20:30	20:30	20:30	20:30	20:30	16:00
	CINE-TEATRO ACADEMIA ALMADENSE Auditório Osvaldo Azinheira	*Aurora negra*	17	20:30	15:00 20:30	20:30	20:30																				
		Planeta dança	29									11:30	11:30														
		Rebota rebota y en tu cara explota	37													20:30	20:30	20:30	20:30	16:00							
		Miguel de Molina al desnudo	49																				20:30	20:30	20:30	20:30	16:00
	TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO	*Duas personagens*	19						20:30	20:30	20:30	15:00 20:30	15:00 20:30	20:30	20:30	20:30											
		Discurso sobre o filho-da-puta	45															20:30	15:00 20:30	15:00 20:30	20:30	20:30	20:30	20:30	20:30		
LISBOA	TNDM II Sala Garrett	*Who killed my father*	21							20:00	20:00	19:00															
	CCB Grande Auditório	*Maria Callas – Cartas e memórias*	31									19:00	19:00														

Festival TNT, Antic Teatre e Konvent Puntzero e AMateus&QTarrida (Espanha)
Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa | Acción Cultural Española

ESPECTÁCULO DE HONRA

Rebota rebota y en tu cara explota

Ri-te, ri-te que logo choras

Uma criação de **Agnès Mateus** e **Quim Tarrida**

Interpretação
Agnès Mateus

Participação
Pablo Domichovsky
Guillherme Cruz

Espaço sonoro e audiovisual
Quim Tarrida

Desenho de luz
Carles Borràs

Tradução
Rita Gonçalves

Legendagem
Noemi Laviana

Produção em digressão
ElClimaMola

—

Língua
Castelhano
(Legendado em português)

Duração
75 min.

Classificação
M/14

Aviso
Utilização de luz estroboscópica

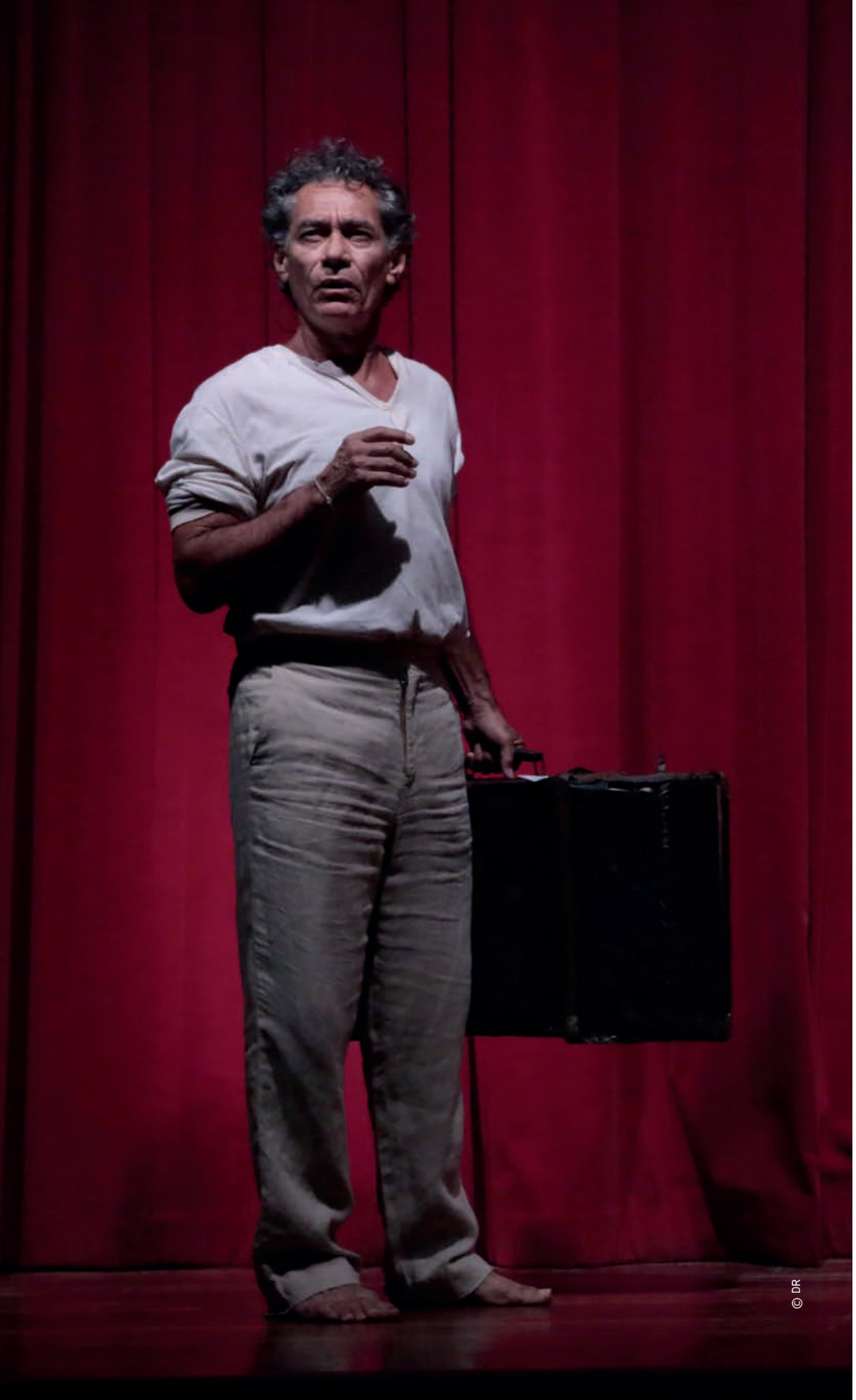
Várias vezes premiado com algumas das mais prestigiadas distinções da Catalunha (Prémio da Crítica para o Melhor Espectáculo de Novas Tendências de 2017, Prémio "Aplauso" pelo FAD – Prémio Sebastià Gasch e Prémio Butaca para Novos Contributos Cénicos, ambos em 2018), eis uma reflexão de grande poder performativo, que demonstra a que ponto «o corpo das mulheres é onde se manifesta o fracasso do Estado» (Rita Laura Segato, antropóloga e escritora). Com um pé bem firmado na *performance*, em que o corpo, e até mesmo as palavras que o corpo diz são da ordem do visceral, trata-se de um espectáculo corajoso mas também áspero e desconcertante, que mostra a vida sem hipocrisia e não deixa ninguém indiferente. Contra o conformismo e uma passividade que dá que pensar, talvez só reste mesmo mostrar a violência com violência. *Rebota* venceu o Prémio do Público do Festival de Almada de 2020.

Agnès Mateus, formada em jornalismo, criou em 1996 o Colectivo General Elèctrica. *Performer*, actriz e artista multidisciplinar, trabalhou com grandes nomes da cena contemporânea de Espanha como Juan Navarro, Roger Bernat, Rodrigo García ou ainda Simona Levi. Colaborou também com La Fura dels Baus. **Quim Tarrida** é um artista multidisciplinar de linha estética conceptual e *neo-pop*. Desenhador, músico, fotógrafo, videógrafo, pintor, escultor e *performer*, o seu trabalho aborda o palco como um lugar de artes múltiplas.

EN With a rich vein of coarse humour, Catalan performer Agnès Mateus breaks into a male-dominated environment and asserts her position alone on stage. *Rebota Rebota y en tu cara explota* dissects the structures of patriarchy and demands that we finally address the topic of violence in women's lives, shake ourselves out of our indifference and call a spade a spade. The show won the Critics Award 2017 for Best New Trends Show, the FAD Sebastià Gasch Award 2018, and the Butaca Award 2018 for New Scenic Trends. *Rebota* also won the Prize of the Public of last year's Almada Festival.

ALMADA
Cine-Teatro da Academia Almadense
Auditório Osvaldo Azinheira

QUA 14	QUI 15	SEX 16	SÁB 17	DOM 18
20:30	20:30	20:30	20:30	16:00



Chico Diaz (Brasil)

A Lua vem da Ásia

De **Walter Campos de Carvalho**
Encenação de **Chico Diaz**

Adaptação e interpretação
Chico Diaz

Figurinos
Maria Diaz

Preparação voz
Rose Gonçalves

Vídeos
Eder Santos
Trem Chic

Banda sonora
Alfredo Sertã

Director de produção
Wagner Uchôa

—

Língua
Português

Duração
75 min.

Classificação
M/12

Trata-se de uma adaptação para teatro do romance homónimo de **Walter Campos de Carvalho** (1916-1998), texto visceral que **Chico Diaz**, apaixonado pela obra, desejava levar a palco – adaptando a obra surrealista, iconoclasta, carregada de humor ácido, uma verdadeira ode à liberdade, com a qual o premiado actor brasileiro celebra a maturidade da sua vida e carreira, encenando pela primeira vez um monólogo que aproxima o público da palavra bem dita, capaz de provocar transformações.

A peça retrata o dia-a-dia de um homem hospedado num hotel de luxo – ou talvez num campo de concentração, ou então num manicómio... Tendo a loucura como tema central, o protagonista desfia recordações (ou alucinações?) das suas passagens por diversos países, tornando-se o narrador de um mundo governado pela lei do absurdo, mas que parece assustadoramente semelhante à nossa normalidade.

O que está em questão é a capacidade de o homem pensar livremente. A personagem limite, na voz de uma primeira pessoa narrativa, inicia o seu ambicioso projecto de libertação a partir da própria linguagem, reflectindo o complexo comportamento da sociedade ocidental desde a expansão da cultura de massas, potenciado pela pandemia e pelo confinamento. «Não há para onde correr. O homem confinado em corpo, tempo e espaço, canta. O confinamento é o dispositivo. A narrativa e a linguagem são as formas de escape, em sua estruturação está a saída». (Chico Diaz)

EN This show consists of a dramaturgic adaptation of the novel by the same title by Brazilian writer Walter Campos de Carvalho (1916-1998). Actor Chico Diaz brings to the stage a visceral text, adapting this surrealist and iconoclastic piece of work, full of acid humour. It is a true ode to freedom, capable of bringing the audience closer to this masterpiece, and also of providing a transcendent experience. This show portrays the daily life of a man staying in a luxury hotel – or perhaps in a concentration camp, or in a madhouse?

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

QUA 14	QUI 15	SEX 16	SÁB 17	DOM 18
20:30	20:30	20:30	20:30	15:00 e 20:30

© FILIPE FERREIRA

Formiga Atómica (Lisboa)
Co-produção: Teatro Nacional Dona Maria II, Teatro Nacional São João e Cine-Teatro Louletano

Fake

De **Miguel Fragata** e **Inês Barahona**
Encenação de **Miguel Fragata**

Interpretação
Anabela Almeida
Carla Galvão
Duarte Guimarães
João Nunes Monteiro
Beatriz Batarda
(Isabel Abreu
ou Sandra Faleiro)

Interpretação vídeo
Beatriz Batarda
Cirila Bossuet
Isabel Abreu
Madalena Almeida
Márcia Breia
Sandra Faleiro
Sílvia Filipe
Teresa Madruga

Vídeo
Tiago Guedes
João Gambino

Cenografia
Henrique Ralheta

Figurinos
José António Tenente

Desenho de luz
Rui Monteiro

Música
Hélder Gonçalves

Desenho de som
Nelson Carvalho

—

Língua
Português

Duração
105 min.

Classificação
M/16

Fake gravita em torno da figura de Norma B., uma famosa escritora de romances policiais, autora de *Como Assassinar O Seu Marido.* É esse título que lhe traz notoriedade e, alguns anos depois, Norma é detida, acusada pela misteriosa morte do seu próprio marido – um famoso professor de culinária. Antes mesmo de poder pronunciar-se, Norma é julgada publicamente. A sua obra é a prova irrefutável da sua culpa. Os textos escritos por si para dar voz às suas personagens, às suas criaturas, são imputados à criadora. Os seus movimentos mudos, escrutinados em todas as redes sociais. Um súbito *close-up* sobre a forma como transporta um saco de lixo parece dizer tudo, segundo os seus vizinhos.

Em *Fake*, o teatro dialoga com o cinema, numa tentativa de destrinçar a verdade da mentira. A câmara faz o papel de um polígrafo implacável, procurando distinguir um bom actor de um mau mentiroso. Um espectáculo que aborda uma problemática urgente e actual: as notícias falsas, num trabalho que explora a tensão e as sobreposições entre verdade e mentira, informação e desinformação, crenças individuais e colectivas.

A Formiga Atómica é uma companhia de teatro fundada e dirigida por **Miguel Fragata** e **Inês Barahona**. As suas criações inscrevem-se nas temáticas contemporâneas e são habitualmente antecedidas por períodos de pesquisa, motivados pela questão e/ou públicos que abordam.

EN A famous writer of detective novels, author of *How to Murder Your Husband*, is arrested and accused of killing her own husband. Before she can even defend herself, she is judged by everyone. This show tackles the problem of fake news, exploring the tension and overlaps between truth and lies, information and misinformation, and individual and collective beliefs. A show by Portuguese contemporary stage artists Miguel Fragata and Inês Barahona.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

QUI 15	SEX 16	SÁB 17	DOM 18
20:30	20:30	15:00 e 20:30	20:30

© HUGO DAVID/CNB 2021

Companhia Nacional de Bailado (Lisboa)

O canto do cisne

De **Clara Andermatt**

Coreografia e direcção
Clara Andermatt

Consultoria artística
Amélia Bentes

Assistência à coreografia
Barbara Griggi

Música
Vitor Rua

Desenho de luz e espaço cénico
Manuel Abrantes
(a partir do desenho de luz original de Rui Horta)

Figurinos
Aleksandar Protic

Ensaiador
Tom Colin

Intérpretes
Almudena Maldonado
Anyah Siddall
Inês Ferrer
Leonor de Jesus
Patrícia Main
Tatiana Grenkova
Dylan Waddell
Francisco Couto
Francisco Sebastião
Gonçalo Andrade
João Costa
Miguel Ramalho
Miguel Esteves
Tiago Amaral

—

Duração
55 min. (aprox.)

Classificação
M/6

Eis uma das últimas peças dançadas pelo Ballet Gulbenkian (1961-2005) antes da sua extinção. Convidada por esta instituição, Clara Andermatt coreografou esta peça em 2004. No palco do Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, os bailarinos deram então corpo a rupturas, entre gestos harmoniosamente belos e delicados contrastados com movimentos inquietantes e ansiosos, numa metáfora sobre a constante mutabilidade do Ser. Clara Andermatt escolheu a *A Morte do Cisne*, de **Camille Saint-Saens** (1835-1921) e convidou **Vítor Rua** para criar variações a partir desse tema original.

Agora, desafiada pela CNB, a coreógrafa revisita a peça juntamente com a equipa artística original. Um regresso ao passado que é simultaneamente futuro, pois a peça evoca o desconhecido, em direcção ao que de provavelmente mais enigmático existe: a morte, aqui abordada não como um fim, mas como o princípio de futuro que ela contém.

Clara Andermatt iniciou os seus estudos de dança com Luna Andermatt e continuou a sua formação em Londres e nos Estados Unidos. Foi bailarina da Companhia de Dança de Lisboa de Rui Horta e da Companhia Metros de Ramón Oller (Barcelona). Em 1991, criou a sua própria companhia. Entre várias outras distinções, destacamos neste contexto o Prémio Almada, atribuído pelo Ministério da Cultura a *Uma História da Dúvida*, que integraria a programação do Festival de Almada em 1999.

EN This is one of the last pieces danced by the Ballet Gulbenkian (1961-2005). Clara Andermatt choreographed this piece in 2004, at the invitation of this institution. And now, challenged by the Companhia Nacional de Bailado, Andermatt revisits the same piece together with the original artistic team. They are still searching for the unknown most enigmatic circumstance of human life: death, which is approached not as an end but as the beginning of the future.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 16	SÁB 17	DOM 18
20:30	20:30	16:00

© PAULO NUNO SILVA

Teatro da Rainha (Caldas da Rainha) e **Miso Music** (Lisboa)

Discurso sobre o filho-da-puta

De **Alberto Pimenta**
Direcção de **Fernando Mora Ramos** (encenação)
e **Miguel Azguime** (composição musical)

Música original
Miguel Azguime

Cenografia e Figurinos
Fernando Mora Ramos

Iluminação
António Anunciação
Lucas Keating

Quarteto de cordas vocais
Cibele Maçãs
Fábio Costa
Marta Taveira
Nuno Machado

Galeria de retratos do filho-da-puta
José Serrão

Estátua do filho-da-puta
Mariana Sampaio

Produção
Ana Pereira

—

Língua
Português

Duração
90 min.

Classificação
M/14

«Esta peça textual – um sermão burlesco contemporâneo, editado pela primeira vez em 1977, objecto já de várias traduções – é um grito gramaticalmente impecável, rigoroso de sentidos e forma, pela liberdade livre e contra o preconceito e o amiguismo hipócrita e nepótico que continua a constituir os modos da nossa sociabilidade, muito atravessados de ambições de poder e poderes de facto.

O mundo convocado é o das solenidades e do oficialismo do antes-25 de Abril, pois era nesse ambiente malsão e bolorento que as características favoráveis ao desenvolvimento do vírus da filha da putice progredia: a delação e a figura do pide informador, muito disseminada, os caminhos do arrivismo e as técnicas de sacanear o parceiro, a traição dos ideais, a ortodoxia burra, o *complot*, a manobra obscura, a capacidade de insinuação...

O filho-da-puta é um amante das datas que celebram mortes, um militante da acumulação de regressos evocadores do passado. O filho-da-puta é avarento, como o de Molière. Poupado, cobiça a mulher e o marido dos próximos, não está longe da figura de Tartufo – um filho-da-puta eminente –, nem da figura abundante do religioso pedófilo, nem do cinzentismo salazarento do funcionário cumpridor que nada faz e tudo cumpre, nem do novo-rico trauliteiro da política, cujo conservadorismo fascizante é um vírus legal e visível, em acção numa democracia que só pode estar doente de saudade do fedor sacristão e policial dos tempos da velha senhora.» (Fernando Mora Ramos)

EN «This text – a contemporary burlesque sermon, first published in 1977 – is an eloquently impeccable cry of rebellion and truth. It is simultaneously rigorous and free in its meaning and form, taking a strong position against prejudice, hypocrisy and nepotistic cronyism. The 'son of a bitch' referred to in the title loves to celebrate death and to accumulate evocative regressions from the past. He feels sick with nostalgia for the police stench from the old times of dictatorship.» (Fernando Mora Ramos)

ALMADA
Teatro-Estúdio António Assunção

SEX 16	SÁB 17	DOM 18
20:30	15:00 e 20:30	15:00 e 20:30

SEG 19	TER 20	QUA 21	QUI 22	SEX 23
20:30	20:30	20:30	20:30	20:30

© MAARTEN VANDEN ABEELE

Needcompany (Bélgica)
Co-produção: Festival Temporada Alta (Girona), Festival de Otoño (Madrid), La Rose des Vents (Villeneuve d'Ascq), La Passerelle (Saint-Brieuc), Espaces Pluriels (Pau) | Com o apoio das autoridades flamengas

Molly Bloom

A partir do último capítulo de *Ulisses*, de **James Joyce**
Encenação de **Viviane De Muynck** e **Jan Lauwers**

Criação e adaptação
Viviane De Muynck
Jan Lauwers

Dramaturgia
Elke Janssens

Assistência e coordenação dramatúrgica
Melissa Thomas

Figurinos
Lot Lemm

Desenho de luz
Ken Hioco
Jan Lauwers

Director técnico
Ken Hioco

Produção
Marjolein Demey

Técnicos
Tijs Michiels
Saul Mombaerts

Agradecimento
Misha Downey

Texto português
Jorge Vaz de Carvalho

Agradecimento pela cedência da tradução
Relógio d'Água

—

Língua
Inglês
legendado em português

Duração
80 min.

Classificação
M/12

Em 1999, Viviane De Muynck e Jan Lauwers começaram a trabalhar sobre a obra de James Joyce, cujo neto, Stephen J. Joyce, em cartas que fizeram escândalo, havia explicitamente proibido a utilização. Malgrado essa circunstância, algumas leituras clandestinas tiveram lugar na Alemanha e chamaram a atenção dos *media*. Presentemente, a obra de Joyce está no domínio público. Um trabalho cujo objectivo maior é visitar ou revisitar o génio de Joyce com o público.

Molly Bloom dá vida ao monólogo interior da mulher de Leopold Bloom. Símbolo da feminilidade, os seus pensamentos e o seu sentido de humor sobre os homens da sua vida, sobre a sua situação nesse momento, sobre as suas recordações, sobre a sua alegria de viver, são uma lição sobre como abordar a perda e o sofrimento. «De Muynck mostra-nos uma mulher, não uma personagem num enredo. Molly Bloom é a forma, o sentido e a voz da mulher que tomou o seu lugar e que não deixará que nada a silencie.» (*Ovejas Muertas*, revista de informação e pensamento sobre teatro)

Jan Lauwers, antigo aluno em Belas-Artes, fundou a sua companhia em Bruxelas em 1986. Em 2014 recebeu o Leão de Ouro pela sua carreira na Bienal de Veneza. O seu teatro é arrojado, multidisciplinar, esteticamente pioneiro. Em 2018, a actriz **Viviane De Muynck** foi distinguida com o prémio Ultima de mérito cultural pelo Governo flamengo. Conhecida já do público do Festival, a grande dama do teatro belga regressa à festa de Almada depois de ter protagonizado *O quarto de Isabella* (2018) e *Guerra e Terebintina* (2019).

EN In 1999, Viviane De Muynck and Jan Lauwers started working on an adaptation of Ulysses by James Joyce whose grandson, Stephen J. Joyce, had explicitly forbidden. Today, Joyce's work is in the public domain. The major goal of this play is to visit or revisit Joyce's genius. It gives life to the inner monologue of Leopold Bloom's wife. The show celebrates the return to Almada of Vivian De Muynck, the great lady of Belgian theater, as an artistic partner of Jan Lauwers, who is a daring and aesthetically pioneering theater director.

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

TER 20	QUA 21	QUI 22	SEX 23	SÁB 24	DOM 25
20:30	20:30	20:30	20:30	20:30	16:00

© JAVIER NAVAL

Lazona (Espanha)
Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa | Acción Cultural Española

Miguel de Molina al desnudo

Miguel de Molina a nu

De **Ángel Ruiz** | Encenação de **Félix Estaire**

Interpretação
Ángel Ruiz

Pianista
César Belda

Direcção musical
César Belda

Coreografía
Mona Martínez

Figurinos
Guadalupe Valero

Iluminação
Juanjo Llorens

Direcção de produção
Miguel Cuerdo

—

Língua
Castelhano
legendado em português

Duração
90 min.

Classificação
M/12

O mítico génio do flamenco **Miguel de Molina** (1908-1993) é provavelmente a melhor emanação que Espanha produziu dessa mistura tão sugestiva que resulta da união da vanguarda com a tradição. Em tudo o que fazia, Molina punha paixão, convocando outros génios para o seu redor, artistas como ele dotados da imaginação e do atrevimento que fizeram de Molina um estandarte da liberdade criadora e individual. Perseguido pela Espanha de Franco, viu-se enredado numa onda de calúnias cuja finalidade era denegri-lo, em razão, também, da sua homossexualidade – que Molina aliás nunca renegou, muito pelo contrário, numa atitude de grande arrojo perante as convenções do seu tempo – nem tanto assim distante do nosso... «Abordámos este trabalho tendo em mente a ideia de levar para a cena uma personagem observada a partir de múltiplos pontos de vista – da dimensão pessoal à dimensão profissional, percorrendo a sua vida e o seu legado como um espelho no qual podemos ver-nos reflectidos.» (**Félix Estaire**)

Hoje, Molina convoca todas as pessoas a ouvir a história verdadeira sobre quem foi. Ouçam-no, se querem entender-se a vós mesmos enquanto seres humanos e seres sociais. Ei-lo, o mais singular *cantante* e *bailaor* do séc. XX, num retrato muito especial e terno, escrito e interpretado pelo polifacetado actor e cantante **Ángel Ruiz**.

EN The mythical flamenco genius Miguel de Molina (1908-1993) mixed avant-garde with tradition, and was a model for creative and individual freedom. Persecuted by Franco's Spain, he found himself entangled in a wave of calumnies whose aim was to denigrate him, primarily because of his homosexuality. In an attitude of great courage for that time, he never denied it. In *Miguel de Molina al desnudo* we are invited to discover this so very singular 20th century's flamenco singer and dancer, in a very special portrait written and interpreted by Ángel Ruiz.

ALMADA
Cine-Teatro da Academia Almadense
Auditório Osvaldo Azinheira

QUA 21	QUI 22	SEX 23	SÁB 24	DOM 25
20:30	20:30	20:30	20:30	16:00

© CARLOS FERNANDES

Teatro do Vestido (Lisboa)
Co-produção: Teatro Viriato

Viagem a Portugal

Texto e direcção de **Joana Craveiro**

Co-criação e interpretação
Estêvão Antunes
Simon Frankel
Tânia Guerreiro

Vídeo e imagens (originais, reproduções, *slides*)
João Paulo Serafim

Cenografia
Carla Martinez

Figurinos
Tânia Guerreiro

Música (composição e interpretação)
Francisco Madureira

Assistência, interpretação, manipulação de documentos, vídeo em tempo real
Mafalda Pereira

Desenho de luz
Cristóvão Cunha

Direcção de produção
Alaíde Costa

—

Língua
Português

Duração
70 min.

Classificação
M/12

A viagem literária homónima que José Saramago realizou pelos caminhos de Portugal entre 1979 e 1980 foi o gatilho, um pretexto programático para esta criação. Dialogando com a História recente, trata-se de um teatro que mostra o que não se vê, que lembra o que não se esquece, que pergunta, que olha e pega com coragem no país português como se fosse um corpo, e o disseca à nossa frente, para pensá-lo. Este projecto iniciou-se no Minho, em colaboração com as Comédias do Minho, em 2019 (Paragem Minho), tendo depois descido ao centro de Portugal (Alcanena), em colaboração com o Festival Materiais Diversos. Todos estes momentos corresponderam a diferentes espectáculos, singulares na sua temática e instalação. A última paragem desta viagem teve a sua estreia, e apresentação única, no Teatro Viriato, em Dezembro de 2019.

Joana Craveiro, que em 2015 recebeu o Prémio do Público do Festival de Almada com *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas* (que a imprensa de referência já havia considerado um dos melhores espectáculos de 2014), anda em viagem por Portugal há muitos anos, fazendo do seu teatro de forte feição investigativa e documental um "repositório de histórias de vida". Formada como actriz pela ESTC, licenciada em Antropologia – disciplina que considera fundamental no desenvolvimento do seu trabalho – tem um Mestrado em Encenação pela Royal Scottish Academy of Music and Drama e concluiu em 2017 um doutoramento pela Roehampton University (Londres) com uma tese sobre a transmissão da memória política da ditadura portuguesa e da revolução e processo revolucionário de 1974-75 através do teatro.

EN Joana Craveiro and her Teatro do Vestido return to Almada after having won in 2015 the Audience Prize for her five-hour monologue about the Portuguese revolution of 1974. On this new *Journey to Portugal*, named after José Saramago's book, Craveiro plans to make us think about our country, as she gives homage to artists such as the poet Sophia de Mello Breyner Andresen and the revolutionary singer José Mário Branco, who died during the rehearsals of the show.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

QUI 22	SEX 23	SÁB 24	DOM 25
20:30	20:30	15:00 e 20:30	20:30

© JOÃO TUNA

Teatro do Bolhão (Porto)
Co-produção: Teatro Nacional São João

Lorenzaccio

De **Alfred de Musset**
Encenação de **Rogério de Carvalho**

Tradução e dramaturgia
Alexandra Moreira da Silva

Interpretação
Ângela Marques
António Maria Pinto
António Melo
Cláudio da Silva
Hélia Martins
João Cravo Cardoso
João Paulo Costa
Jorge Mota
Luís Duarte Moreira
Mariana Silva Costa
Miguel Eloy
Odete Mosso
Paula Abrunhosa
Pedro Couto
Pedro Damião
Pedro Fiuza
Sandra Salomé

Cenografia e adereços
Cristóvão Neto

Figurinos
Lola Sousa

Iluminação
Jorge Ribeiro

Som
Fábio Ferreira

Direcção de produção
Glória Cheio

—

Língua
Português

Duração
170 min.

Classificação
M/12

Trata-se de uma obra canónica da dramaturgia ocidental que, no próprio país de origem, foi considerada irrepresentável – por causa do número de personagens e das mudanças bruscas de lugar, entre outros desafios. Um espectáculo sobre uma cidade, um ser colectivo feito de inúmeras vozes, comunidade humana que a corrupção política destrói e divide. «*Lorenzaccio* (1834) permitiu a **Alfred de Musset** (1810-1857) usufruir da liberdade necessária para convocar algumas das obras mais carismáticas de Shakespeare, em particular *Hamlet* e *Júlio César*, naquela que viria a ser a sua peça mais ambiciosa sobre o poder, os seus bastidores e a sua (i)legitimidade. É, pois, em pano de fundo shakespeariano, que Musset nos faz transitar não para o reino da Dinamarca ou para a Roma imperial, mas para a Florença renascentista.» (Alexandra Moreira da Silva)

Rogério de Carvalho tem dirigido espectáculos nos principais palcos portugueses. Nome indissociável da História do teatro português dos séculos XX e XXI, incansável pedagogo do teatro, foi distinguido com vários prémios, entre os quais o Prémio Almada de Teatro (2001, pelo Ministério da Cultura). Sobre este espectáculo disse: "É um encontro com a filosofia, a metafísica, a política. E com um quotidiano que nos documenta, por exemplo, a insignificância do lugar da mulher" (*Público*, 23/10/20).

EN This is a show about a city: a collective being made of countless voices, a human community destroyed and divided by political corruption. *Lorenzaccio* (1834), by Alfred de Musset (1810-1857) is a play about power, summoning some of Shakespeare's most charismatic works. In a Shakespearean backdrop – Renaissance Florence – this play reveals the backstage and the (il)legitimacy of power.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 23	SÁB 24	DOM 25
19:00	19:00	19:00

ALMADA FORUM®

ALMADA FORUM

PALCO
PARA SER FELIZ

230 lojas | 40 restaurantes | cinema 4DX | clínica médica | ginásio

almadaforum.com /AlmadaForum

actos complementares

1971-2021: 50 anos da Companhia de Teatro de Almada

Um ciclo comemorativo de quatro Encontros da Cerca, aos Sábados à tarde, assinala o cinquentenário da Companhia de Teatro de Almada. Tempo para nos sentarmos a conversar sobre uma viagem de cinco décadas: a fundação do Grupo de Campolide, a profissionalização no Teatro da Trindade, a vinda para Almada, o Festival, o Teatro Azul.

Para conduzir estas quatro conversas desafiámos outros tantos amigos, que têm acompanhado o nosso percurso e que espicaçarão as memórias de quem tem feito parte da Companhia: os artistas, mas também o público e os decisores políticos.

Um olhar por cima do ombro, a ensaiar os passos vindouros.

3 de Julho
«O Grupo de Campolide: laboratório da CTA» (1970-1978)
Com Eugénia Vasques, Isabel Bahia e Teresa Gafeira

10 de Julho
«A implantação em Almada: o Festival» (1978-1988)
Com José Mário Silva, Fernando Louro e Luís Vicente

17 de Julho
«O primeiro Teatro Municipal» (1988-2006)
Com Teresa Albuquerque, Sérgio Taipas e Vítor Gonçalves

24 de Julho
«O Teatro Azul» (a partir de 2006)
Com Carlos Vargas, Domingos Rasteiro e Américo Jones

ALMADA
Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea
Jardim dos Leitores

Sábados às 15:00

Em parceria com a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro

O Festival de Almada é também, ainda e sempre, um lugar único de encontro entre os artistas e o público. Venha conversar com os criadores e intérpretes dos espectáculos da edição deste ano. Esperamos por si na Esplanada do Festival. Venham numerosos e curiosos.

Seg. 5 de Julho
Édouard Louis
(escritor, autor de *História da violência*)
e **Ivica Buljan**
(encenador de *História da violência*)
Moderação: **Tiago Bartolomeu Costa**

Ter. 6 de Julho
Rogério de Carvalho
(encenador de *Hipólito* e de *Lorenzaccio*)
Moderação: **Ana Isabel Vasconcelos**

Qua. 7 de Julho
Irène Bonnaud
(encenadora de *Amitié*)
Moderação: **Catarina Firmo**

Qui. 8 de Julho
Cleo Tavares, **Isabél Zuaa** e **Nádia Yracema**
(criadoras de *Aurora Negra*)
Moderação: **Statt Miller**

Sex. 9 de Julho
Ivo van Hove
(encenador de *Quem matou o meu pai*)
Moderação: **João Carneiro**

Seg. 12 de Julho
Rita Neves
(criadora de *Corpo suspenso*)
Moderação: **Luís Soares**

Ter. 13 de Julho
Sara de Castro e **Carla Galvão**
(criadoras de *Duas personagens*)
Moderação: **Francisco Luís Parreira**

Qua. 14 de Julho
Agnès Mateus e **Quim Tarrida**
(criadores de *Rebota rebota y en tu cara explota*)
Moderação: **Gonçalo Frota**

Qui. 15 de Julho
Chico Diaz
(intérprete de *A Lua vem da Ásia*)
Moderação: **Helena Simões**

Sex. 16 de Julho
Miguel Fragata e **Inês Barahona**
(criadores de *Fake*)
Moderação: **Emília Costa**

Ter. 20 de Julho
Fernando Mora Ramos
(encenador de *Discurso sobre o filho-da-puta*)
Moderação: **Catarina Neves**

Qua. 21 de Julho
Rodrigo Francisco
(autor e encenador de *Um gajo nunca mais é a mesma coisa*)
Moderação: **Maria João Brilhante**

Qui. 22 de Julho
Ángel Ruiz
(autor e intérprete de *Miguel de Molina al desnudo*)
Moderação: **Rui Monteiro**

Sex. 23 de Julho
Joana Craveiro
(autora e encenadora de *Viagem a Portugal*)
Moderação: **Rui Pina Coelho**

ALMADA
Esplanada do Festival

Sempre às 18:00

CURSO DE FORMAÇÃO

Apoio: Share Foundation

O sentido dos mestres

COM JOSEF NADJ

Através de uma série de cinco encontros, Josef Nadj revelará a sua abordagem artística ao trabalho coreográfico a partir da sua última criação, *Omma*, que se apresenta no Festival deste ano. Percorrerá a sua prática da improvisação e como esta permite mergulhar na memória pessoal de cada um para reencontrar gestos universais que estão na origem da dança. Nesse processo, a simplicidade guia a pesquisa do movimento dançado, à procura dos gestos que assentam no essencial, sem artifícios. Tratar-se-á de explorar o corpo como matéria orgânica a modelar, a talhar, com a qual se pode experimentar. Um corpo que é por vezes animal, e não cultural. Explorar-se-á também a relação entre o corpo e o movimento dançado enquanto fenómeno ligado ao Universo, a uma cosmogonia, num regresso às origens do gesto, procurando o que no movimento nos liga uns aos outros, num espaço-tempo comum.

"Entender a dança, acima de tudo, como um local de encontro", é desta forma que **Josef Nadj** (n. 1957, em Kanjiža, na antiga Joguslávia, actual Sérvia) define o seu trabalho. Artista sem fronteiras nem barreiras, Nadj é também um artista visual. Ao longo da sua carreira – de *Canard pékinois* (1987) a *Mnémosyne* (2018) – Nadj tem infatigavelmente procurado alcançar uma linguagem coreográfica exigente e apaixonada, na qual se alternam tanto a gravidade e a compaixão, como a profundidade e o humor. Quer se lance na abordagem de autores atípicos (Beckett, Kafka, Michaux) ou desafie pintores a juntarem-se-lhe no palco (como Miquel Barceló), a sua originalidade insolente desabrocha em absoluta liberdade corporal. As suas criações têm-se tornado referências na dança contemporânea. Em França, onde reside, dirigiu o Centre Choréographique National d'Orléans (1995-2016), após o que criou a sua própria companhia, o Atelier 3+1, em Paris. O seu trabalho tem sido reconhecido e celebrado no Mundo inteiro.

© GÉRALDINE ARESTEANU

A inscrição no curso, destinado a actores e/ou bailarinos profissionais, faz-se mediante o envio de CV e carta de motivação para geral@ctalmada.pt e tem um custo de 20€ (10€ para Assinantes do Festival).

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Sala Pablo Neruda

10 a 14 de Julho
das 15:00 às 18:00

LANÇAMENTO DO 7.º VOL. DA COLECÇÃO *O SENTIDO DOS MESTRES*

Apoio: Share Foundation

A dança como arma

DE MADALENA VICTORINO

Apresentação de **Inês Faria** e **João Maria André**

Na sua edição do ano passado, o Festival de Almada convidou a coreógrafa Madalena Victorino para partilhar os seus conhecimentos, práticos e teóricos, sobre a dança. As cinco sessões do *workshop* que dirigiu foram transcritas e editadas, compondo o livro que agora se lança, desse modo levando essa experiência de partilha a mais pessoas. Trata-se do 7.º volume de uma colecção iniciada em 2015 e que conta presentemente com títulos da autoria de Luis Miguel Cintra, Peter Stein, Ricardo Pais, Juni Dahr, Olga Roriz, Hajo Schüler – e agora também Madalena Victorino.

A dança como arma percorre cinco capítulos que dialogam fecundamente com a História política e social da arte, para além de documentarem o testemunho vivencial e artístico desta criadora cuja singularidade esta edição celebra: *O corpo democrático*, *A força política da arte participativa*, *Arte, educação e trabalho*, *O corpo está no centro da dança* e *Uma vida de dança ou as muitas vidas que habitam a minha dança*.

Madalena Victorino (n. 1958) estudou dança contemporânea, composição coreográfica e pedagogia das artes em Inglaterra. Foi co-fundadora do Fórum Dança, a primeira estrutura de dança independente em Portugal. Desenvolveu no Centro Cultural de Belém o primeiro espaço de fruição artística para um público jovem. Foi co-programadora do Festival *TODOS – Caminhada de Culturas.* Criou com Giacomo Scalisi o projecto *Lavrar o Mar*. Socialmente implicado, o seu trabalho foi já várias vezes distinguido com importantes prémios que reconheceram a intensa e ampla actividade artística que a coreógrafa e pedagoga tem desenvolvido. Autora do programa curricular de dança para o Ministério da Educação, lecciona em múltiplas instituições de Ensino Superior.

© BRUNO SIMÃO

ALMADA
Esplanada do Festival

Seg. 19 de Julho às 18:00

Ghia Coupé

DE THOMAS LANGLEY

Transformar a velocidade e a violência dos embates de carros de corrida em pintura tem sido um desafio central na obra de Thomas Langley. Nas *Banger races* carros velhos correm uns contra os outros, sendo o contacto entre eles não só inevitável como encorajado. Cada corrida é um evento único, perigoso, destrutivo, e sempre surpreendente. O pai de Langley costumava participar nestas corridas, e tinha como carro de eleição o Ford Granada Ghia Coupé. Habituado a assistir a estes espetáculos desde novo, Langley tenta traduzir o seu fascínio e memória em linhas e formas.

Nesta parceria entre o Festival de Almada e a Casa da Cerca, Langley aventurou-se no desenho, transportando para este meio as pesquisas que tem vindo a desenvolver na pintura e na escultura. Os desenhos de Langley traduzem não apenas a sensação de velocidade e de embate, mas também o ambiente emocionante das corridas. A emoção e o constante movimento são ideias que poderiam também caracterizar o Festival de Almada, fazendo de Langley e do seu trabalho uma escolha muito certa para a autoria do cartaz do Festival deste ano.

Filipa Oliveira
Curadora e Directora Artística da Casa da Cerca

Thomas Langley (Londres, 1986) é um artista plástico que vive e trabalha entre Londres e Lisboa. A sua prática, assente na interdisciplinaridade, cruza a pintura com a escultura, com a *performance*, com o desenho e com a instalação. O alcance dos seus métodos permite-lhe descobrir e explorar novos territórios na sua pesquisa artística. Interessa-se particularmente pelo conceito de *pensamento manual* – de que forma o pensamento se torna objecto. Paralelamente, agrada-lhe a ideia de que esse pensamento manual possa diluir as fronteiras entre um objecto artístico e a vida artística que o origina. O seu trabalho é frequentemente auto-referencial, embora persiga algumas verdades universais: a pesquisa pela condição humana ou, mais especificamente, pela condição artística, são as suas linhas motoras.

ALMADA
Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea **24 de Julho a 24 de Outubro**

informações

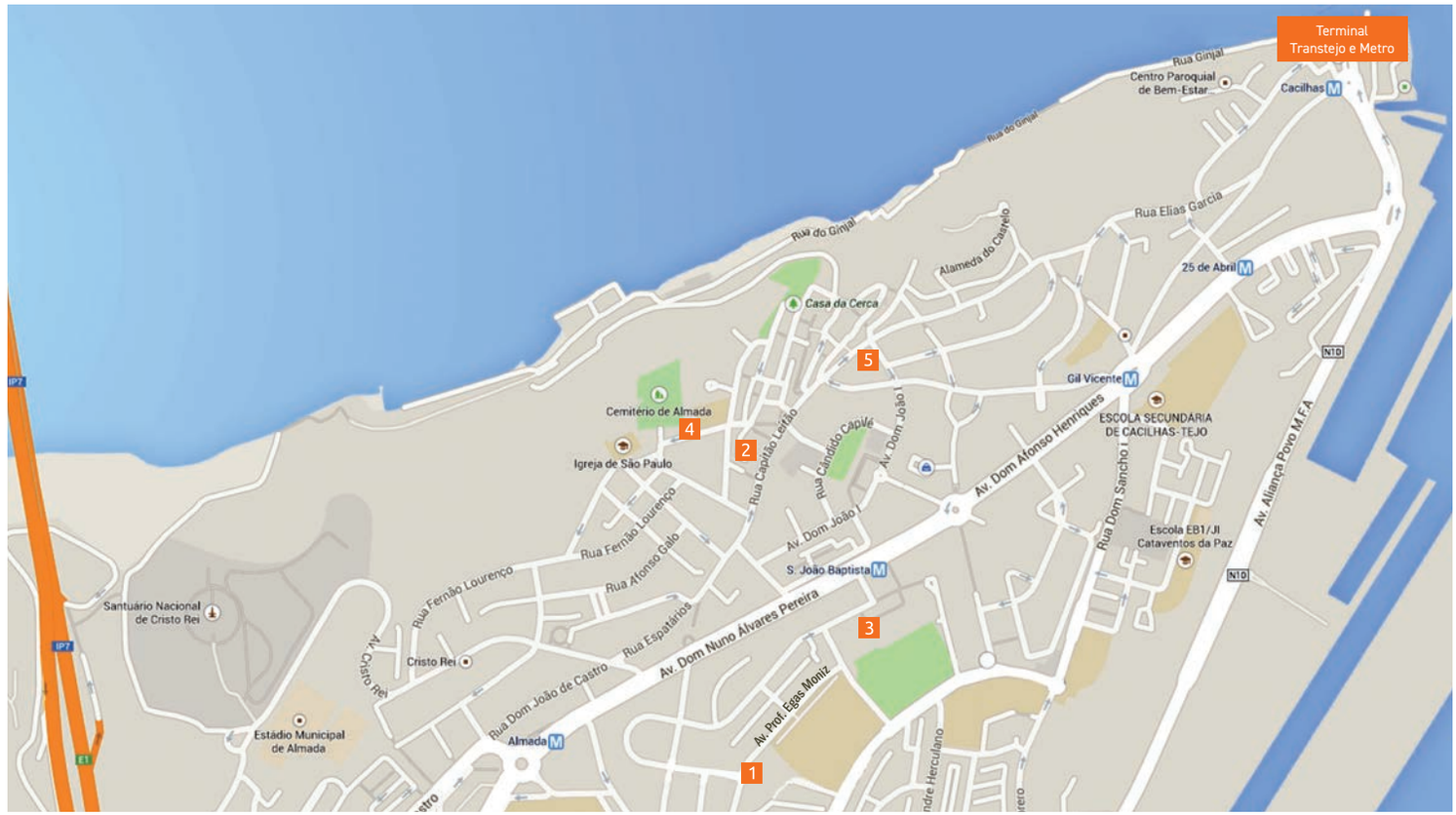
Horários contactos e acessos

FESTIVAL DE ALMADA

WEBSITE
www.ctalmada.pt

FACEBOOK
www.facebook.com/festivaldealmada

INSTAGRAM
@festivaldealmada



ALMADA

1 Teatro Municipal Joaquim Benite
Avenida Professor Egas Moniz
Tel.: 212 739 360 | Tlm.: 917 433 120
geral@ctalmada.pt

2 Cine-Teatro da Academia Almadense
Rua Capitão Leitão, n.º64
Horário: 1h antes do início dos espectáculos

3 Fórum Municipal Romeu Correia
Praça da Liberdade
Tel.: 212 724 920

4 Teatro-Estúdio António Assunção
Rua Conde Ferreira, 5
Horário: 1h antes do início dos espectáculos

5 Incrível Almadense (Salão de Festas)
R. Sociedade Filarmónica Incrível Almadense 8A
Horário: 1h antes do início dos espectáculos

LISBOA

Teatro Nacional D. Maria II
Praça D. Pedro IV
Tel.: 800 213 250
Horário: Quarta a Sexta das 11h às 22h
Sábado das 14h às 22h
Terça e Domingo das 14h às 19h

Centro Cultural de Belém
Praça do Império
Tel.: 213 612 627
Horário: Todos os dias das 13h às 20h

Autocarros (TST)

Carreira 152 | Sete Rios (Lisboa) / Pç.ª S. João Baptista (Almada)
PARTIDAS DE LISBOA
Todos os dias entre as 6:20 e as 9:15
e entre as 22:20 e as 24:45
PARTIDAS DE ALMADA
Dias úteis entre as 5:45 e as 8:25
e entre as 21:30 e as 24:10
Sábados, domingos e feriados entre as 5:45 e as 8:25 e entre as 21:30 e as 24:15

Carreira 160 | Pç.ª do Areeiro (Lisboa) / Pç.ª S. João Baptista (Almada)
PARTIDAS DE LISBOA
Dias úteis entre as 7:00 e as 22:00
Sábados entre as 7:00 e as 21:30
Domingos e feriados entre as 6:55 e as 21:45
PARTIDAS DE ALMADA
Dias úteis e sábados entre as 5:50 e as 20:45
Domingos e feriados entre as 5:50 e as 21:00

Carreira 176 – Cidade Universitária (Lisboa) / Pç.ª S. João Baptista (Almada)
PARTIDAS DE LISBOA
Dias úteis entre as 7:20 e as 20:20
PARTIDAS DE ALMADA
Dias úteis entre as 6:25 e as 19:20

Comboios Fertagus

Lisboa (Areeiro) >> Pragal
Dias úteis entre as 05:43 e a 01:28
Três últimos comboios às 23:58, 00:43 e 01:28
Sábados, Domingos e feriados entre as 06:43 e as 00:43 com intervalos de 30 minutos.
Pragal >> Lisboa
Dias úteis entre as 05:49 e as 00:59
Três últimos comboios às 22:59, 23:59 e 00:59
Sábados, Domingos e feriados entre as 06:39 e as 00:09 com intervalos de 30 minutos.

Cacilheiros

Partidas do Cais do Sodré
Dias úteis entre as 05:35 e a 01:40
Três últimos barcos às 00:20, 01:00 e 01:40
Sábados, Domingos e feriados entre as 05:40 e a 01:40
Partidas de Cacilhas
Todos os dias entre as 05:20 e a 01:20
Três últimos barcos às 00:05, 00:40 e 01:20

Metro Sul do Tejo

Todos os dias entre as 05:00 e as 02:00
(Consultar horários de cada linha para informação detalhada)

Assinaturas

Geral ..... 80€

Clube de Amigos do TMJB* ..... 60€

*Com cartão válido até 25 de Julho de 2021 ou posterior.

Devido à situação epidemiológica que enfrentamos, pedimos a compreensão dos espectadores para o facto de o programa do Festival de Almada poder ter de ser alterado.

A Assinatura do Festival de Almada dá acesso a todos os espectáculos, numa das sessões programadas. O título de Assinatura deverá ser trocado pelos respectivos bilhetes para cada sessão na bilheteira do TMJB.

Locais de venda

ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite: Telf. 21 273 93 60

VENDAS ONLINE

www.ctalmada.pt

LOJAS FNAC

Bilhetes avulsos

ALMADA	
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE	
Sala Principal	15€
Sala Experimental	12€
FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA	12€
TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO	12€
INCRÍVEL ALMADENSE	12€
CINE-TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE	12€

LISBOA	
TEATRO NACIONAL D. MARIA II	9€ a 16€
CENTRO CULTURAL DE BELÉM	21€ a 50€

Para informações sobre a compra de bilhetes avulsos nas salas de Almada deverá contactar a bilheteira do TMJB (contactos na p. 62).

38.º FESTIVAL de almada

DIRECÇÃO ARTÍSTICA
Rodrigo Francisco

DIRECTOR FINANCEIRO
Carlos Galvão

DIRECTORA-ADJUNTA
Teresa Gafeira

DIRECTOR TÉCNICO
Guilherme Frazão

DIRECTOR DE PRODUÇÃO
Paulo Mendes

ADMINISTRAÇÃO
Susana Fernandes

SECRETÁRIA DA DIRECÇÃO
Ana Patrícia Santos

IMAGEM DO CARTAZ
Thomas Langley

EXPOSIÇÃO
José Manuel Castanheira

COMUNICAÇÃO E IMPRENSA
Miguel Martins

EDIÇÕES
Sarah Adamopoulos

DESIGN GRÁFICO
Joana Azevedo
João Gaspar

FOTOGRAFIA
Luana Santos
Rui Carlos Mateus

ASSINATURAS E ACOLHIMENTO
Carina Verdasca
Marco Trindade
Pedro Walter

WEBSITE
Jorge Freire

TRADUÇÕES E LEGENDAGEM
Rita Gonçalves
Mauro Soares

EQUIPA TÉCNICA
Ami Daisi
Andreia Mendrico
Carlos Janeiro
Daniel Polho
Diogo Miguel Zózimo
Ivan Teixeira
José Pedro Manso
Paulo Horta

RECEPÇÕES
Rodica Alexe
Teresa Gafeira

BAR
Isabel Galvão

BILHETEIRA
Sofia Chora
Susana Fernandes

RESTAURANTE
Alice Prazeres
Diana Antunes
Rosângela Vervloet

DIRECÇÃO: **Rodrigo Francisco, Carlos Galvão** e **Teresa Gafeira**
ASSEMBLEIA-GERAL: **Maria Laita** e **Paulo Mendes**
CONSELHO FISCAL: **Guilherme Frazão** e **José Carlos Nascimento**

NOVO
RENAULT
ARKANA

Imagem não contratual.
Para E-TECH híbrido 145 - Emissões de CO2 (g/Km): 111/112.
Consumo em consumo misto (L/100Km) : 4,9/5,0.

Caetano Formula

Almada (IC20 Saída Universidade):
Caminho de Possolos,1,
2825-043 Monte da Caparica
Tel.: 212 949 310

Barreiro (Palhais):
Quinta dos Moinhos,
2830-222 Barreiro
Tel.: 211 950 542

Montijo (Oficina):
Rua do Laboratório - Pau
Queimado, Afonseiro 124
2870-833 Montijo, Setúbal
Tel.: 215 815 512

www.caetanoformula.pt

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO EDITORIAL: **RODRIGO FRANCISCO**
TEXTOS **COMPANHIAS PARTICIPANTES NO FESTIVAL**
EDITING, REVISÃO EDITORIAL E COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO: **SARAH ADAMOPOULOS**
TRADUÇÃO: **RODRIGO FRANCISCO** E **SARAH ADAMOPOULOS**
AGRADECIMENTO: **WAYNE RALPH** (REVISÃO DO INGLÊS)
DESIGN GRÁFICO: **JOÃO GASPAR**
IMAGEM DA CAPA: **THOMAS LANGLEY**
LOGOTIPO DO FESTIVAL DE ALMADA: **PEDRO PROENÇA**
PUBLICIDADE: **SUSANA FERNANDES**, **CARINA VERDASCA** E **MARCO TRINDADE**
APOIO À PRODUÇÃO EDITORIAL: **ANA PATRÍCIA SANTOS** E **MIGUEL MARTINS**

IMPRESSÃO: LISGRÁFICA
Distribuição gratuita

CLUBE DE AMIGOS

Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes

Produções acolhidas: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes

Menu de refeição completa por 8,75€ e Menu Almoço por 6,5€ no Restaurante do Teatro

50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada

20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada

Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos

10% de desconto na Farmácia Louro

Mais do que ver, ajude a fazer.

O Clube de Amigos do TMJB, criado em 1988, é o núcleo de espectadores que apoiam as actividades do Teatro, beneficiando de várias condições especiais. Estamos certos de que podemos contar com o apoio de todos os que consideram a importância da arte e da cultura nas suas vidas.

cta companhia de teatro de almada 50 anos

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE

O cartão anual do Clube de Amigos tem as seguintes modalidades:

Novo membro	
Geral	**47,50€**
Grupo (10 espectadores)	**250€**
Benemérito	mínimo **100€**
Renovação anual	
Geral	**42,5€**
Sénior	**35€**
Jovem	**25€**
Grupo	**250€**

*Até um mês após o limite da validade

Nota: O Cartão de Grupo não dá direito a desconto para acompanhantes nos espectáculos acolhidos, e a sua renovação anual tem de ser efectuada por todos os elementos. Por outro lado, nas produções da CTA este cartão dá desconto de 50% aos acompanhantes do titular, sem limite de espectadores.

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE